

Filhos na psicanálise

O invariante sou eu

Sylvain N. Levy,¹ Brasília

Resumo: A partir da observação de um fato ocorrido com frequência regular durante seus anos de prática clínica da psicanálise, o autor discute se a psicanálise teve alguma influência e qual poderia ser, na constatação de a cada ano haver, ao menos, um episódio de geração de um filho(a) dentre seus pacientes.

Palavras-chave: invariante, constância, experiência clínica, gravidez, filhos e filhas

Uma informação me persegue há algum tempo. A constatação de que desde 1978, ano em que comecei minha atividade clínica como psicanalista, um fato esteve presente em todos os anos, incluindo o atual, 2025: em todos esses anos – com uma única exceção –, ao menos uma paciente ou um paciente gerou um filho no decorrer de sua análise. No único ano em que isso não aconteceu, um paciente adotou uma criança. Como pensar sobre esse fenômeno? Seria uma coincidência ou, como dizia Einstein, são eventos simultâneos? Einstein abominava a palavra *coincidência*, pois considerava que cada evento possui sua administração própria.

Lembrando da frase do poema de Antonio Machado, “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar”, sigo então refletindo, imaginando que o pensamento se constrói ao pensar e escrever.

Esse fato – gerar filhos – é algo natural na vida das pessoas. Um acontecimento comum e não surpreendente. No entanto, o veneno de cobra também é natural – e mata. A urtiga é natural – e provoca coceira. Ou seja, o fato de ser natural não o torna menos digno de estudo e interpretação. As alterações advindas dessas reflexões dizem respeito à

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

frequência com que ocorreram – ao menos uma vez em cada um desses 47 anos – e a minha percepção dessas ocorrências.

Reverendo meus apontamentos e lembranças, os conhecimentos acerca dessas pessoas foram se configurando. Eram de gêneros e idades diferentes, homens e mulheres com idades variando de 25 a 50 anos, casados/as ou solteiros/as, gerando o primeiro filho ou já mães e pais, com dificuldade ou não para a geração, gravidez com ou sem planejamento. Poucos relatos de perdas ou abortos. Variações múltiplas para a mesma ocorrência.

A única diferença que encontrei é na situação do setting. A maior frequência foi notada na modalidade presencial, porém a quantidade de análises online (atendo assim desde 2016, por injunções particulares de pacientes) é muito inferior à presencial, o que pode não conferir validade estatística.

Em relação ao setting, outra invariância e uma transformação. Atendo no mesmo consultório desde fevereiro de 1978 e, como gosto de me sentir confortável no meu local de trabalho, fui acrescentando vários quadros ao longo desse tempo, vários de humor e alguns caricatos com a própria psicanálise. Talvez essa decoração mutável inclua um elemento de vida ao ambiente e ao próprio processo analítico. Muitas vezes, os pacientes detectam a colocação de um novo quadro.

E, para complicar um pouco mais, neste ano de 2025, são os avós que surgem. Uma nova geração. Dois pacientes, até agora em março de 2025, um homem (com menos de seis meses de análise) e uma mulher (cinco anos de análise), vão se tornar avós. São os netos da psicanálise?

Com esses dados, concluí que o invariante sou eu.

De mim, o que me ocorre falar, com pertinência para esse relato, é que a minha análise de formação (a didática) foi realizada com uma pessoa que não gerou filhos biológicos, mas produziu fatos e descendentes marcantes para a psicanálise e para a cultura brasileira.

O meu setting interno passou por muitas mudanças, não só de conhecimentos, mas de técnica, de estética e nas relações com os pacientes/analísandos. No meu primeiro ano de atendimento, fiquei paralisado, física e mentalmente, incapaz de desocupar meu consultório

de uma aranha de bom porte, que circulava pelas paredes e teto enquanto, no divã, uma pessoa conversava com um amigo que não estava ali, mas capturado numa teia de ideias e sentimentos fóbicos e paranoides. Nesse mesmo ano, um paciente resolveu me presentear com um quadro e, do mesmo modo que analista não pode interromper uma sessão por motivo algum, analista não pode receber presente de paciente. Cumprimentar dando a mão, então, nem pensar. Isso não era considerado rigidez, apenas técnica.

Que técnica que nada – penso que, quando essas atitudes não são introjetadas com naturalidade, podem ser interpretadas como medo de se expor, de se vincular, de parecer humano. Se os mais jovens não sabem, e os mais velhos se esqueceram, já houve época em que um psicanalista era imaginado como um ser superior, dono de conhecimento supra-humano.

Só para concluir a história do quadro-presente: o ser humano que me presenteava, ante a recusa, quebrou o quadro embalado na quina da minha mesa. A análise dele continuou por um ano, a minha por mais seis.

Ao longo desses anos de prática, fui quebrando regras inexistentes. Frequência é importante: se puder fazer quatro vezes por semana, não faça três. Se puder três, não faça duas. Se não puder duas, não faça? Aprendizado um: não é a quantidade de sessões semanais que vai definir a efetividade de um processo analítico – o empenho e o investimento da dupla jogam um papel importante nesse trabalho. Aprendizado dois: não é a modalidade da sessão – se a distância (por telefone, WhatsApp, computador, FaceTime etc.) ou presencial – que vai definir a efetividade e a qualidade do processo. Elas são diferentes, têm dinâmicas próprias e, como tais, devem ser consideradas. Aprendizado três: na substituição de sessões, nem reposição (não se repõe o que não existiu) nem remarcação – simplesmente troca de horário. Brasília é uma cidade de servidores públicos que, muitas vezes, exercem suas atividades mediante viagens pelo país. Sempre que possível, acordamos horários substitutos. Outra questão são as possibilidades e oportunidades de viagem de lazer ou por necessidades familiares ou de férias não programadas, que se tornam contingências nesse cotidiano atual. Por mais importante que

seja a psicanálise, ela é conteúdo em um continente da vida das pessoas. Perceber isso ajuda a compreender o outro.

Não sei se essas formas na configuração das minhas relações descrevem uma metodologia, mas deixam evidentes, ao menos para mim, que tento ver cada paciente com maleabilidade, dentro da sua singularidade, sem me fixar na rigidez de uma técnica.

Criatividade, preservação da espécie, instintos primitivos, liberação de pulsões de vida – são ideias que permeiam as possibilidades de intervenção num processo psicanalítico.

São conhecidas as ideias sobre a conjunção de elementos de historicidade e da infância da mãe com suas condições feminina, de desenvolvimento sexual e de seus desejos. Esse momento, que tanto fortalece quanto fragiliza a mulheridade da futura mãe, demanda cuidados diferenciados e específicos de toda ordem: física, social, familiar e psíquica.

Não vou me estender, pois Raul Max Lucas da Costa e Maria Alice de Oliveira Silva publicaram belíssimo artigo na *Analytica: Revista de Psicanálise*, em 2020, “Desejo e regressão na gravidez: uma perspectiva psicanalítica”, com extensa revisão bibliográfica (Costa & Oliveira Silva, 2020).

Creio que vários elementos inconscientes estão presentes em graus diversos na mulher e no homem, por ocasião do processo de reprodução, não sabendo escaloná-los. O instinto de sobrevivência e de perpetuação da espécie está presente no desejo de perpetuação na espécie; a realização pessoal de pensar, elaborar e produzir; a reconstituição de um modelo familiar; as ambivalências dos querer e temer; as identificações edípicas; a sublimação.

Tanto homens quanto mulheres manifestam seu amor pela prole, mas é mais comum entre as mulheres a expressão: “gosto dos meus filhos, mas não gosto da maternidade”. Para os homens, a dimensão do poder é mais evidente e, ao mesmo tempo, mais temida como possibilidade de opressão ao desenvolvimento das crianças.

Os medos conduzem a um estado regressivo, e a transferência joga seu papel fundamental. Quem sou eu como analista? E quem sou eu como alguém que vivencia e participa, quase diariamente, de um

processo físico-mental esperançoso, alegre e sofrido, que às vezes se manifesta(m) quase simultaneamente?

Manter a técnica num momento delicado, como aquele de desilusão diante de insucessos sucessivos em inseminações artificiais ou de alegria contagiante pelo anúncio da primeira gestação, não é fácil. Sentir, elaborar e estar presente, falando, calando ou interpretando – cada momento com cada pessoa é único e intransferível. Sinto-me como um Fernando Pessoa ao escrever: “Ó mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal?”, pensava eu em quantas dessas situações já estivera envolvido como partícipe ou ouvinte.

Fantasio, hoje, minha atuação de psicanalista como uma pessoa (gente, mesmo) que, ao acolher um outro como ele se apresenta (não necessariamente como ele é), possibilita a emersão de desejos, a permissão do seu conhecimento e a vontade de realizá-lo. Creio que, para isso, deve existir um grau de sublimação que organize um conjunto de energias psíquicas dispersas em desejos múltiplos numa direção única essencial.

Em que pesem as mudanças pelas quais transitei nessas quase cinco décadas, algo de mim não se alterou, e a constatação da produção gestacional desde o primeiro ano de atividade profissional o indica. Inconscientemente, influí nessa produção? Sinto ou penso numa atuação contratransferencial? Qual ou quais elementos transferenciais estariam presentes sob interpretação comum?

Muito pouco do que aqui escrevi satisfaz meu interesse em entender se houve alguma influência – e qual foi ela – nesses fatos observados ao longo dos meus 47 anos de trabalho. Porém, a espelho do personagem Todo Mundo, no *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente (2019):

Mil cousas ando a buscar;
 Delas não posso achar,
 Porém ando porfiando
 Por quão bom é porfiar.

Hijos e hijas en psicoanálisis – El invariante soy yo

Resumen: A partir de la observación de un evento ocurrido regularmente durante sus años de práctica clínica en psicoanálisis, el autor discute si el psicoanálisis tuvo alguna influencia y cuál podría ser, en la observación de que cada año ocurre al menos un episodio de la generación de un niño entre sus pacientes.

Palabras clave: invariante, constancia, experiencia clínica, embarazo, hijos e hijas

Sons and daughters in psychoanalysis – The invariant is me

Abstract: Based on the observation of a fact that occurred with regular frequency during his years of clinical practice of psychoanalysis, the author discusses whether psychoanalysis had any influence and what it could be, in the observation that each year there is, at least, one episode of the generation of a child among his patients.

Keywords: invariant, constancy, clinical experience, pregnancy, sons and daughters

Referências

- Lucas da Costa, R. e Oliveira Silva, M. (2020). Desejo e regressão na gravidez: uma perspectiva psicanalítica. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 9(17) [versão online]. São João del Rei.
- Vicente, G. (2019). Auto de Todo mundo e Ninguém. In G. Vicente, *Auto da Lusitânia*. Primavera Editorial.

Sylvain N. Levy

sylvain.nahum@gmail.com